

A APRODER (Associação para a Promoção do Desenvolvimento Rural do Ribatejo) tem em curso, desde Setembro de 2018, o projecto "APRODER Empreende 2020". Trata-se de um projecto de apoio ao empreendedorismo na região, que conta com o apoio do Programa Operacional Regional do Alentejo. Integrado neste projecto, foi lançado recentemente, pela APRODER, um conjunto de iniciativas de apoio aos empreendedores cuja actividade se desenvolve dentro dos limites territoriais abrangidos pela associação, a que chamou APRODER – Inovação e Empreendedorismo. Estas iniciativas têm o foco na divulgação de boas práticas empresariais que resultaram em projectos bem-sucedidos, localizados nos concelhos de Azambuja, Cartaxo, Rio Maior e Santarém (com excepção de parte do núcleo urbano da cidade de Santarém), os 4 concelhos ribatejanos cobertos pelo raio de acção da APRODER.

Os 18 casos seleccionados para divulgação em diversos órgãos de comunicação social da região beneficiaram de apoios comunitários e estão em pleno funcionamento, apesar da pandemia. São empresas de referência, com consciência social e ambiental, que contribuem para o desenvolvimento rural e que estão implantadas numa região onde criam emprego e riqueza. Ao longo de 4 edições, o Correio do Ribatejo, parceiro nesta iniciativa, está a divulgar algumas dessas empresas.



**APRODER**  
ASSOCIAÇÃO PARA A PROMOÇÃO  
DO DESENVOLVIMENTO RURAL DO RIBATEJO

**Jorge Cancela – The Landscape Farm**

## “Quero ser um eco-empendedor no sentido da ecologia e no sentido da economia”

**Nascido em Lisboa, primeiro alfacinha de gerações de minhos ligados à construção e de ribatejanos ligados à agricultura, Jorge Cancela, talvez pela bela mistura desses dois saberes, formou-me em Arquitectura Paisagista em 1986, mas o apelo da terra falou mais alto levando-o a investir numa empresa diferenciadora que quer aliar os saberes tradicionais ao turismo e à produção biológica. A The Landscape Farm comercializa produtos locais, produzidos “com a natureza e não contra ela”, nos solos e climas locais.**



**Que produtos desenvolve?**

Do ponto de vista prático, a comercialização assenta em produtos muito identitários. Para nós, a preservação da paisagem é muito importante. Tudo o que fazemos está certificado como Biológico, desde o azeite, o mel, os figos, as hortícolas, as leguminosas, o chicharro, entre outros.

**Produtos que também se inserem na paisagem, o que abre outros horizontes.**

**Quais são, então, os projectos futuros?**

Torna-se difícil que uma pequena exploração viva só dos produtos alimentares. A forma de produção tem custos elevados. Os produtos têm um preço incorporado diferente de produtos com maior escala de produção. Por isso, para a sustentabilidade económica do projecto, é necessário ter outros níveis.

Um deles é criar uma “Escola de paisagem”, a partir de um conjunto de saberes práticos para gerir uma pequena explora-

ção agrícola, nas suas várias vertentes. Há um conjunto de saberes muito diversos, alguns até com tendência a perderem-se que queremos resgatar e ensinar. Temos em vista a recuperação de uma escola centenária para esse fim, que terá de novo alunos, mas desta vez dedicados à paisagem. Há outra camada turística, com a recuperação algumas casas, salvaguardando a identidade própria desta paisagem. São projectos que estão todos interligados.

**Para isto é preciso investimento, são precisos apoios, nomeadamente da APRODER?**

Sem dúvida. A APRODER tem uma filosofia com a qual nos identificamos muito, que é a do desenvolvimento do mundo rural de forma sustentável. Quer economicamente quer ambientalmente. Temos, neste momento, três candidaturas aprovadas para o turismo, para pequenos investimentos na exploração agrícola e para a comercialização. É um investimento de cerca de 200 mil euros, e temos aceites financeiros para 50%.

**A sua formação é arquitectura paisagística. O que o levou a enveredar por esta área?**

Sempre senti muito o apelo deste campo desenhado, deste campo trabalhado, deste campo que é mais do que produzir alimentos. O campo tem história, mas também tem futuro. Essa ligação, entre uma linha

do tempo entre passado, presente e futuro, cria uma coisa a que chamamos paisagem. Que, na prática, são as nossas opções sobre o território. O que comemos influencia muito o que vemos no campo. Haver ou não abandono, haver ou não pessoas no campo, tudo isto está muito ligado com as escolhas que fazemos diariamente.

Sou arquitecto paisagista por esta ligação que sempre tive ao campo e à cidade. A esta ligação entre os dois mundos. Para mim, e para as actividades que desenvolvo, é muito interessante poder cruzar estes dois mundos. A cidade oferece um conjunto de coisas, mas faltam outras. O campo oferece outro leque de coisas, ao nível da liberdade, criação, ao nível do espaço, da emoção, da estética. Estando entre estes dois meios, posso aproveitar o melhor dos dois. Levar coisas do campo para a cidade e vice-versa, de forma a que se diluam. O campo e a cidade são conceitos antigos e o que haverá, no futuro, são paisagens globais altamente ligadas pelos sistemas naturais.

Chego a este negócio quando compreendo que, para ser verdadeiramente sustentável, não basta ser sustentável ambientalmente também é preciso ser economicamente. E o desafio é este, conseguir conciliar sustentabilidade ambiental e sustentabilidade económica. Quero ser um eco-empendedor no sentido da ecologia e no sentido da economia.

**João Coimbra - Quinta da Cholda**

## “A sustentabilidade não é só a económica. É também social e ambiental”

**A Quinta da Cholda situa-se no coração do Ribatejo. Fundada no princípio do século XX, desenvolve actualmente a sua actividade na produção de cereais, especialmente milho, na exploração florestal e na produção de energia renovável. Desde a sua génese, a Quinta da Cholda tem-se dedicado à actividade agrícola e florestal sendo hoje uma referência no sector, apostando, principalmente, em três áreas: Agricultura de Precisão, Biodiversidade e Sustentabilidade.**



da conservação, porque o nosso intuito é fazer com que esta Quinta possa ter futuro a longo prazo. A sustentabilidade não é só a económica. É também social e ambiental.

Temos, por isso, vários planos na área da conservação e adaptação da exploração para os novos desafios, como a redução das emissões e conservação da biodiversidade.

**A aposta na inovação tem sido uma constante?**

Claramente. E é esse o caminho: temos vindo a desenvolver projectos de agricultura de precisão para que, nessa forma de actuar e de desenvolver o negócio, consigamos maior rentabilidade em termos económicos, mas, principalmente, em termos ambientais e sociais.

Temos que desenvolver a nossa actividade de uma forma sustentável para que possamos ter os nossos recursos salvaguardados. É uma empresa familiar, proprietária dos seus terrenos, e, por isso, uma das coisas mais importantes, para nós, é levar a qualidade dos nossos solos, do nosso negócio, para a próxima geração. Para isso temos que investir cada vez mais em desenvolvimento, em tecnologia, em conhecimento em saber e temos sempre muito cuidado em trazer o conhecimento para o campo, para a realidade do dia a dia. Esse é o nosso grande objectivo: desenvolver novos projectos, novos negócios, mas, sobretudo, fazer bem, e de forma sustentável aquilo que sabemos fazer toda a vida.

**Que papel teve a APRODER no crescimento da empresa?**

A APRODER tem sido um parceiro essencial. No fundo, encontramos um parceiro que, vendo as necessidades da agricultura, abriu concursos nestas áreas e foi possível alavancarmos o nosso investimento.

Sem a APRODER teria sido difícil termos os apoios na altura certa. Na fase em que iniciámos esta reconversão para uma agricultura de baixo carbono, foi fundamental este apoio. Era vital, numa empresa que faz regadio, que usa muita energia, ter

capacidade de produzir a sua própria energia. Apareceram em boa hora os projectos a que nos fomos candidatando e, à medida que fomos investindo, recebemos também esse apoio que, para nós, foi basilar.

**Que projectos futuros quer desenvolver?**

Queremos criar condições para que esta exploração incorpore também os tempos livres, o lazer, o turismo e desenvolvimentos de actividades ao ar livre, envolvendo a comunidade local neste processo.

A empresa tem também preocupações na área do envolvimento social das pessoas que rodeiam as nossas propriedades. Temos feito já alguns projectos de forma que as pessoas sejam atraídas para virem visitar as quintas, que as escolas nos venham visitar, que liguem cada vez mais à nossa agricultura. Temos, também, projectos para desenvolver mais áreas de conservação que vão estar às áreas de produção de forma a podermos ter uma Quinta com capacidade de aumentar a biodiversidade. Isto para que, ao mesmo tempo que temos uma agricultura bastante produtiva, muito modernizada, tenhamos capacidade de manter um espírito de conservação e de aumento de resiliência contra as alterações climáticas, contra a perda desta biodiversidade riquíssima do Ribatejo.